

A Cidade enquanto espaço de sociabilidades

Rafaela Pereira Dário¹

1- Introdução

O presente artigo tem a intenção de refletir sobre a emergência da cidade enquanto espaço que (re) define sociabilidades. Uma vez trazendo à tona o tema cidade, não podemos deixar de argumentar sobre sua importância na historiografia contemporânea. Também nos propôs a discutir sobre os efeitos da modernidade e da modernização na vida cotidiana dos indivíduos e também, da cidade como um todo, já que a idéia de viver em um ambiente moderno faz com que práticas e valores sejam definidas, redefinidas e até mesmo modificadas totalmente.

Não podemos abandonar a assertiva de que qualquer que seja a análise que façamos sobre cidades, somos obrigados a chamarmos ao debate a questão do local e/ou regional enfatizando a importância destas no âmbito da historiografia. Essa preocupação é plausível porque em muitos casos e até mesmo em muitos “lugares sociais” onde se “fabrica” a história este tipo de abordagem – história local/ regional- ainda é obra de preconceitos.

Pretendemos então argumentar sobre, como a vida moderna, na cidade, tende a dinamizar sociabilidades refletindo diretamente em todas as esferas da vida social do indivíduo. Nossa análise perpassa também pelo debate acerca do lugar ocupado pela história local na historiografia bem como sobre as ressignificações que a modernidade operou no mundo inteiro.

¹Aluna do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba.

Vida urbana e cotidiano

Caminhar, ler o jornal ir a praças, papear, (re)encontra-se, dentre outras coisas, são práticas comuns e rotineiras na vida cotidiana de todos nós. Tais práticas também se enquadram na categoria lazer, uma vez que, a maioria são realizadas no “tempo livre” do praticante.

A cidade, sem dúvida alguma, desponta como sendo um palco onde sociabilidades entram em cena. Podemos dizer que, a modernidade e a modernização foram responsáveis por dá à cidade inúmeros papéis, dentre eles, o de espaço que (re) define sociabilidades.

Entendendo o sentido de vida moderna, como sendo uma experiência envolta de obrigações, “uma das coisas que podem torná-las digna de ser vivida é o fato de que ela nos proporciona mais oportunidades de conversar, de fazer um esforço no sentido de compreender o outro”. (Berman- 2007, p 23)

Desde a antiguidade, a cidade, e mais especificamente a rua, a praça, se constituem como espaços onde idéias e mundos, dos mais diversos, se encontram. Parafraçando Bauman, é na cidade que estranhos tem a chance de se encontrar e, é esse encontro sem passado que nos instiga a ir desvendando os mistérios da vida urbana no tocante ao fato de como esta tende a transformar as práticas cotidianas de seus habitantes.

Concordamos com Baudelaire quando o mesmo afirma que a modernização inspira e força a modernização de seus cidadãos. Mais uma vez recorrendo a Bauman, em sua modernidade líquida, notamos uma colocação interessante do autor: “O que significa, então, dizer que o meio urbano é “civil” e assim, propício à prática individual da civilidade? Significa, antes e acima de tudo, a disponibilidade de espaços que as pessoas possam compartilhar como *personae* públicos - sem serem instigadas, pressionadas ou induzidas a tirar as máscaras e “deixar-se ir” ... (Bauman, 2001. p.112).

A cada dia, os projetos urbanísticos tendem a valorizar a construção de espaços sociais onde o “povo” é convidado a ir e ver, ouvir, assistir e consumir produtos e idéias. Já que, propomos a construção de um argumento que evidencia a cidade como espaço que (re) define sociabilidades, fixemos nossas lentes em um espaço específico do meio urbano moderno: a rua.

Ruas Territórios desejados por homens, mulheres, ricos e pobres, trabalhadores e vagabundos, senhoras moralistas e meliante, homens de negócios e pedintes, as ruas se constituem no aparelho circulatório de andantes, de negociantes em territórios nos quais circulam memórias e economias simbólicas... As ruas são territórios de consumo e de formação de identidades e cultura histórica’.
(Oliveira: 2007, p. 59)

Sair de casa e ir a rua já transporta uma série de significados e de práticas possíveis. Primeiro podemos citar o exibicionismo do mundo da moda, já que, a rua é a passarela universal de “modelos anônimos”. Moda, que atualmente está relacionada com o desenvolvimento tecnológico, pois na rua também se exhibe celulares, máquinas digitais, notebooks, etc.

A rua também é lugar de história. Memórias de amores, de aventuras, de vivências, de velhos tempos, são acionadas sempre que um (re) encontro se dá. “As ruas, portanto, são espaços de memória traduzidos nos muitos signos que nela circulam. São patrimônios históricos-culturais que merecem ser preservados, revisitados, analisados”. Em cada placa está um arquivo a contar as causas, os episódios que fizeram (e fazem) parte de uma história e que permitem a constituição de uma memória local. (Oliveira: 2007, p. 67).

E nesse espetáculo onde a cidade se dá a ver enquanto personagem principal, o cidadão, não fica a margem, pois ele sempre dá um jeito de entrar em cena e assim fazer parte do show como peça importante. Como afirma Michel de Certeau, com mil e uma maneiras de caça não autorizada se vai “inventando o cotidiano”.

Em se tratando de vida moderna diretamente ligada a incorporação de símbolos modernos no cotidiano das cidades, poucos ficaram/ficam imunes de tal onda modernizatória. Quer seja ir ao cinema, ao teatro, a praça, ao clube, ao futebol, enfim, ontem e hoje a modernização pode ser entendida como vetor de (re) definição de práticas sociais. E, mesmo tais práticas, ou pelo menos algumas delas, não tendo sido pensadas para o usufruto de pessoas menos abastadas, por exemplo, não se pode esquecer que o processo de invenção do cotidiano está submerso num conjunto heterogêneo de “táticas e estratégias”, entendidas na visão Certeuniana, que, de qualquer forma contribuem para que o “homem ordinário” se enquadre e usufrua das benesses do mundo moderno.

Dessa forma, como Berman, concordamos que a cidade, ou melhor, seu coração, a rua, é o lugar por excelência da modernidade. Modernidade que se constitui como sendo dentre outras coisas, espaço de vivências, de conversas, de liberdade. Logo a cidade porta e transmite seus genes, impulsionando o desenvolvimento de habilidades das mais diversas, inclusive com a “mente e a sensibilidade”.

Cidade e Historiografia: algumas considerações.

Não é apenas a história enquanto área do conhecimento que tem se ocupado em analisar as formas e funcionalidades urbanas. Geógrafos, sociólogos, economistas, dentre outros também veem a cidade como um fenômeno complexo que vem se modificando cada vez mais.

As cidades fascinam. Realidade muito antiga, elas se encontram na origem daquilo que estabelecemos como indícios do florescer de uma civilização: a agricultura, a roda, a escrita, os primeiros assentamentos urbanos. Nessa aurora do tempo, milênios atrás, elas lá estavam, demarcando um traçado, em formato quadrado ou circular; definindo um espaço construído e organizado, logo tornando icônico do urbano, torres, muralhas, edifícios públicos, praças, mercados, templos; a exibir sociabilidades complexas e inusitadas na aglomeração populacional que abrigavam... (Pesavento: 2007, p. 11)

Conforme está dito, a cidade nasce com a civilização. É verdade que a cidade antiga também fora objeto de estudo dos mais variados campos do conhecimento, mas, é a modernidade que permitirá uma análise sobre o fenômeno urbano que abrange todas as suas dimensões possíveis.

O século XIX inaugura o que podemos chamar de primeiras reflexões modernas sobre a cidade. A vida em ritmo frenético passa a chamar atenção em todos os seus aspectos inspirando poetas, cronistas, literatos e até mesmo os historiadores.

Durante muito tempo, os historiadores que tinham a cidade como seu objeto de estudo se prenderam a descrever o seu crescimento, suas transformações, seus aspectos econômicos e/ou políticos, sem levar em conta o complexo fenômeno da urbanização em si mesmo. O simples fato de ser cidadão já é algo revestido de muitos sentidos, dentre eles, de ser um sujeito moderno, uma vez que a modernização se apresenta primeiro nos palcos das cidades.

Não é nosso objetivo traçarmos toda uma trajetória de como a história tem trabalhado o tema cidade ao longo do tempo. Como vimos de uma forma geral, diversas foram as maneiras e os aspectos a serem analisados, interessa-nos então destacar que:

“Ao longo da década de 1990, a emergência de uma história cultural veio proporcionar uma nova abordagem ao fenômeno urbano”. (Pesavento: 2007, p. 13).

Isso vem se evidenciando cada vez mais no âmbito das produções acadêmicas, que inclusive, abordam o fenômeno urbano, sobretudo como um objeto de reflexão, onde práticas e representações são aspectos que merecem atenção especial. O cotidiano da cidade é algo que tem despertado interesse. Cotidiano este recheado de emoções, sensibilidades, imaginários individuais e coletivos.

Muitos são os trabalhos, como já dissemos, que vem analisando o tema cidade em suas múltiplas facetas. O programa de pós graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande por exemplo, possui uma área de concentração intitulada cultura e cidade. Assim sendo as produções voltadas para área tem permitido expandir os saberes sobre os municípios brasileiros e principalmente os municípios do nordeste como um todo.

Um dos fatos interessantes e importantes a serem destacados é que o estudo do urbano não tem se concentrando apenas nas análises sobre as grandes metrópoles. Os pequenos centros também têm sido agraciados com estudos que abordam principalmente o imaginário da modernidade em suas mais diferentes formas. Trabalhos como o do professor João Carlos de Sousa sobre as tensões da modernidade em Corumbá vem sendo desenvolvido cada vez mais no trabalho citado, o autor analisa como o anúncio do novo (re) define práticas e vivências numa sociedade que mantém fortes tradições.

Não podemos perder de vista a idéia de que no Brasil, modernidade está diretamente ligada à chegada de símbolos modernos como o trem, eletricidade, avanço nas telecomunicações dentre outras coisas que enunciavam idéia de progresso. É claro que cada cidade, ou região experienciaram de forma diferente aquilo que segundo Berman pode ser considerado como modernismo do subdesenvolvimento, em se tratando de nações como o Brasil.

Podemos afirmar então, que as novas formas de se escrever sobre o tema cidade acompanha as próprias mudanças que a sociedade vem sofrendo, pois sabemos, que são nossas inquietações presentes que nos fazem acionar o passado e assim tentar representá-lo das mais diferentes formas, pois, “tudo o que foi um dia poderá vir a ser contado de outra forma, cabendo ao historiador elaborar uma versão plausível, verossímil, de como foi” (Pesavento: 2005, p. 51)

2. A cidade de Corumbá fica situada na fronteira Oeste do Brasil, divisa com a Bolívia. Ao ser elevada à condição de cidade, em 1878, era a segunda em população do estado de Mato Grosso.

Os rastros da modernidade: Um duplo movimento

Dentre algumas aplicabilidades do termo modernidade destacamos o mesmo como sendo um momento histórico transformador que por onde passou ou passa – tendeu a deixar marcar profundas. A cidade renasce e se renova com a modernidade e novos papéis foram assumidas por ela desde então, como por exemplo, o de espaço racional e progressista.

Pouco a pouco a modernidade vai invadindo espaços. Em se tratando de Brasil, o século XX é considerado o século da urbanização, uma vez que este fenômeno está associado à modernização que enxergamos como sendo fruto dileto da modernidade.

O século XX foi, de certa maneira, o “século da urbanização”. Globalmente falando, é a partir daí que se pode dizer que a maior parte da população mundial passou a viver essencialmente em certos urbanos de diversos tipos. (Barros: 2007, p. 09)

A modernidade realiza um duplo movimento, ou seja, ela destrói para construir. Em muitos lugares ela não permitiu a divisão do espaço entre o novo e o tradicional, daí a mesma ser alvo de muitas críticas e até mesmo reflexões sobre profundas marcas deixadas por onde quer que ela passe.

Segundo o professor João Carlos de Sousa, o projeto da modernidade, vincula-se ao processo de modernização, cujos elementos podemos identificar com a racionalidade, os conhecimentos científicos, as formas racionais de organização social, a superação dos mitos, religião superstição. Por sua vez, pressupõe uma nova concepção de sociedade”... E é justamente essa nova forma de conceber a sociedade que até hoje é motivo de crítica, o nascimento da sociedade foi um dos meios encontrados para tentar entender e explicar essa complexa rede de relações sociais fruto do novo modelo de sociedade gestado pela modernidade.

Esse impacto causado pela idéia de novo, de avanço, de racionalidade, atinge até mesmo a História. Esta, que desde os primórdios se desenvolveu enquanto um conjunto

escrito de acontecimentos de grandes fatos do passado tinha agora um novo caminho a ser trilhado: o caminho da ciência.

A ciência moderna já nasce impondo regras e se tornando estatuto social para, por exemplo, no caso da história se “resgatar” o passado. Aquilo que se denomina de senso comum representava um percurso perigoso que poderia obscurecer caminhos que as luzes do progresso pretendem iluminar.

Uma outra coisa que a modernidade solapou fora a noção do tempo. A natureza sofria assim uma perda enorme, pois não era mais esta que teria o controle do senhor da razão. Agora, o tempo das máquinas, do relógio e até mesmo da história entraram em cena.

O trabalho seminal de Thompson, *Costumes em comum*, é fundamental para entendermos melhor essa nova noção de tempo que a modernidade implantou. O autor analisa principalmente o tempo das fábricas que sem dúvida se constituiu como sendo um fator indispensável para o desenvolvimento do próprio sistema capitalista.

Já que a racionalização é por excelência uma das principais características do mundo moderno, idéias e universos precisam se encontrar. Como dissemos no início deste artigo, é cada vez maior o número de espaços públicos pensados e construídos para esse fim.

Se fossemos em busca de um gênero literário que entrasse a questão dos impostos provocados pela modernidade principalmente nas cidades, citaríamos as crônicas, pois estas tiveram/têm no fenômeno uma rica fonte de inspiração. Escritos saúdam e aplaudem o progresso, outros saudosamente “declamam” um lugar que já não existe mais, pois o novo o modificou, denunciam assim o quanto a modernidade abalou as estruturas do mundo inteiro.

Assim sendo, evidenciamos que os rastros pela modernidade nos forçam a entendê-la como sendo um movimento transformador e destruidor ao mesmo tempo. Movimento este que para muitos já teve fim, mas que para outros está apenas no ápice de sua existência.

O lugar do local da historiografia

Como afirmamos, muitos são os trabalhos que vem sendo desenvolvido onde a cidade se constitui como objeto principal. E, sendo esta um ponto localizado

estrategicamente e geograficamente, cabe aqui algumas considerações sobre o lugar do local na historiografia.

Mesmo com um grande número de trabalho voltados para a área, ainda podemos notar alguns desafios e preconceitos que precisam ser vencidos para a consolidação de um estatuto para a História Local e Regional.

Muitos ainda veem tal tipo de história como uma abordagem inferior por não se inserir diretamente na categoria macro da história “generalizante”. Como já dissemos, a própria noção de tempo fora transformado pela modernidade, e o tempo histórico não ficou imune.

Por se tratar de abordagens específicas e localizadas, a questão da história local tende a privilegiar o tempo realisticamente experienciado por cada localidade.

É fundamental ao historiador que queira investigar o local e o regional que ele tenha em mente essa distinção de tempos históricos, sob pena de tentar buscar no território particular que analisa explicações para determinados processos históricos que não lhe disseram respeito ou, de igual forma equivocado, pelo menos não no momento histórico buscado.

(Barbosa: www.franca.unsp.br/proposito-regional. pdf)

Como exemplo do que fora citado, temos as diferentes formas que as cidades brasileiras experimentaram a modernização em diferentes períodos, construindo assim variadas formas de viver em um ambiente moderno, dando inclusive múltiplos sentidos a própria vida moderna.

Dentre as contribuições da História Local e Regional estão as diferentes maneiras de se conhecer a realidade de uma nação, que inclusive, se desenvolve e se integra de forma variada. Segundo a professora Rosa Maria Godoy Silveira, tal argumento é pertinente, pois, no caso do Brasil, “com a formação do Estado Nacional no Império, a historiografia se ocupa primeiramente, de explicar o Brasil.”. Depois, com o processo de provincianização, e depois, de estadualização foi mais frequente a produção de histórias dos estados, nos anos sessenta e setenta, por influência, de um alado, da historiografia francesa dos Annales e de outro, do marxismo, a historiografia tornou-se temática e se manteve, em parte, a tendência das grandes sínteses. A partir dos anos oitenta e, mais acentuadamente, dos anos noventa, a historiografia enfatiza mais as histórias regionais/locais.

Portanto, de forma alguma concordamos com a idéia de que o lugar ocupado pela história local/regional é menor na historiografia. Esse tipo de abordagem como qualquer outro é importantíssimo para aqueles que se ocupam em analisar as diferentes formas de vivência do homem no tempo e assim, contribuir para diferentes tipos e formas de se representar o passado, construindo saberes históricos, analisando inclusive as diversas relações que uma sociedade mantém com o seu passado, ou seja, perpassando culturas históricas das mais diversas.

Considerações Finais

A respeito dos argumentos acima, podemos afirmar que o meio urbano moderno a cada dia ascende como sendo um lócus privilegiado de (re) significações de sociabilidades. Nossas análises partiram das idéias que já abordam o tema, ou seja, fora através das leituras das obras de alguns teóricos e também, dos nossos estudos na área, que vem desde a graduação e que continua sendo desenvolvido na pós-graduação.

Logo, sendo a cidade um lugar por excelência de trocas culturais das mais diversas, principalmente em tempos de consumo, como os de hoje, esta tem ganhado espaço na historiografia cada vez mais, consolidando desta forma o local/regional como campo da história.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Agnaldo de Sousa. A propósito de um estatuto para a História Local e Regional: algumas reflexões. Disponível em, www.franca.unesp.br/proposito-regional.pdf. acesso em 12 de abril de 2010.

BARROS, José de Assunção. O campo da história: especialidade e abordagem. 5 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____, Cidade e História. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano, Petrópolis – 3ª edição, Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Iranilson Burili de. Tempos de consumo: memórias, territorialidades e cultura histórica nas ruas recifenses dos anos 20 (século XX). Disponível em www.cchlaufpb.br/saeculum/revistadehistoria [16]; Joao Pessoa, Jan./Jun. 2007.

PESAVENTO, Sandra Tatahy. História e história cultural: 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2005.

_____, Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In Revista Brasileira de História – Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, Anpuh, vol. 27, nº 53, Jan-Jun, 2007.

SOUSA, João Carlos de. Sertão cosmopolita: tensões da modernidade de Corumbá (1872-1918) São Paulo: Alameda, 2008. 330p: il, mapas (história social. Teses)